



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Educação Física - FEF
Licenciatura em Educação Física

Kassyo Rayance Rodrigues Soares

**FLEXIBILIDADE EDUCACIONAL DIANTE DA DIVERSIDADE CULTURAL:
MEDIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso

Brasília
2019

KASSYO RAYANCE RODRIGUES SOARES

**FLEXIBILIDADE EDUCACIONAL DIANTE DA DIVERSIDADE CULTURAL:
MEDIAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Educação Física, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Alexandre Luiz G. de Rezende

Brasília

2019

Dedicatória

Dedico esse trabalho à minha família: aos meus pais Nilma e Juarez e à minha irmã Kessya, por nunca deixarem de me apoiar em meus estudos e por me darem a base necessária para que o ciclo se concretizasse. Dedico também à minha namorada, pelo apoio nesse momento importante, e à todas as pessoas que estiveram próximas a mim durante esse período de graduação e que de alguma forma me deram forças.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. Agradeço a toda minha família por todo esforço e apoio incondicional do início ao fim ao longo do período de graduação. Agradeço também a todos os professores do curso de Educação Física, em especial ao professor Alexandre Rezende, que me apresentou sua linha de pesquisa e aceitou ser meu orientador nesse trabalho de conclusão de curso.

“Quem é correto nunca fracassará e será
lembrado para sempre.”

Salmos 112:6

Sumário

Resumo	7
Introdução	9
Objetivos	14
Flexibilização Educacional	15
O cenário educativo	16
Ciclo de mediação.....	18
Recursos auxiliares para construção da experiência de aprendizagem mediada.....	21
Métodos	24
Resultados	27
Análise e Discussão	Erro! Indicador não definido.
Considerações Finais.....	44
Referências Bibliográficas	40

Resumo

Esse trabalho foi realizado durante o estágio supervisionado em uma escola localizada na Ceilândia Sul, no segmento de Ensino de Jovens e Adultos – EJA, que é a modalidade de ensino oferecida a alunos que não completaram os anos da educação básica com a idade apropriada. Foi observada uma atividade educativa entre educador e um educando com diferença cultural dos demais alunos da turma. Trata-se de uma pesquisa pedagógica qualitativa, onde buscamos entender a importância da relação educador-educando e como a mediação deve ser realizada para não acarretar em prejuízos para o ensino-aprendizagem. O estudo utiliza a teoria de Vygotsky e de Feuerstein, com os conceitos de Ciclo de Mediação e Experiência de Aprendizagem Mediada, que permitem análise e observação das possibilidades de intervenção nas situações educativas, e com isso possibilita a criação de estratégias para possíveis soluções. Conclui-se que, diante dos conceitos expostos em nosso trabalho quanto aos processos didáticos, surgem alternativas pedagógicas para o educador, o capacitando a melhorar e tornar mais eficiente o espaço de aprendizagem e desenvolvimento de seus educandos.

Palavras-Chave: Inclusão, Recursos auxiliares, Experiência de aprendizagem mediada, Ciclo de mediação.

Introdução

As experiências vivenciadas pelos futuros professores durante as atividades de estágio supervisionado são enriquecedoras e têm papel fundamental para uma articulação entre as teorias didáticas e a prática docente. Além da oportunidade de se desenvolver competências pedagógicas específicas para o exercício da profissão, as vivências do estágio colocam o licenciando em contato com as dificuldades presentes em uma prática (GEANE 2017)

A situação educativa selecionada para o estudo ocorreu nas aulas de Educação Física da Educação de Jovens e Adultos – EJA. As aulas são realizadas no noturno, as turmas tem um número menor de estudantes do que o diurno, cerca de 20 alunos por sala, e tem como característica principal a heterogeneidade e, conseqüentemente, diversidade cultural entre os estudantes, com idades que variam de 18 a 65 anos.

A professora de Educação Física planeja as aulas de maneira a ministrar os conteúdos estabelecidos pelo projeto político pedagógico da escola. Considerando as condições da escola e os interesses dos estudantes, a professora divide o plano de curso em momentos dedicados a aulas teóricas e atividades práticas.

A situação educativa se refere a uma das aulas práticas, quando a professora levou os estudantes para a quadra poliesportiva para realizar, dentre outras atividades uma série de alongamento. Dentre os estudantes da turma, tinha uma senhora, com aproximadamente 60 anos de idade, evangélica, que se veste sempre com uma saia longa, mesmo nas aulas de Educação Física.

A professora reuniu os estudantes em um círculo no centro da quadra; a organização da aula seguia a mesma estrutura: após a demonstração da professora, os estudantes adotavam a mesma posição corporal e realizavam o exercício com a contagem de 10 segundos feita de forma “cantada”. Pequena parte da turma não se interessou pela atividade, o restante da turma Participava ativamente. Quando a professora resolveu sentar no chão e os exercícios eram em uma postura na qual as pernas deveriam estar em afastamento lateral, a professora recomendou que a senhora evangélica aguardasse fora da roda, até que ocorresse uma mudança da posição, que não era adequada para quem estava vestida com uma saia.

Vamos, portanto, refletir sobre quais são as adequações educacionais alternativas que podem auxiliar a professora na mediação de eventuais conflitos gerados pela opção religiosa, ou por outros aspectos culturais, que restringem a participação dos estudantes nas atividades realizadas nas aulas de Educação Física na EJA.

O presente estudo faz parte de uma linha de pesquisa e de extensão da Faculdade de Educação Física da UnB, que envolve professores na reflexão crítica sobre o processo de mediação com estudantes para o desenvolvimento humano, por meio das experiências relacionadas com as aulas de Educação Física escolar.

Nosso objeto de análise é o processo de construção de estratégias para a mediação educativa, do próprio pesquisador na função de educador ou no estudo da prática educativa de outros educadores. Preconizamos a aproximação entre o educar e o pesquisar, como responsabilidade inerente e indissociável daqueles que lidam com a educação. Faz parte das atribuições do educador, refletir de forma crítica e científica sobre a sua própria atividade educativa ou a de outros educadores, como uma expressão do seu compromisso com a qualidade da educação.

Adotamos a denominação pesquisa qualitativa (MINAYO: 2001 e TRIVIÑOS: 1987) para nos referirmos aos educadores que se dedicam a uma reflexão crítica sobre os diversos aspectos que influenciam a atividade educativa, sejam (a) políticos, relacionados com as determinações decorrentes do cenário histórico, social e cultural no qual a educação está inserida; ou (b) pedagógicos, relacionados aos diversos aspectos do processo de mediação construído entre os atores: professores, estudantes, família e a sociedade como um todo.

Acreditamos que todos os educandos possuem potencial para aprendizagem efetiva, de acordo com o conceito de *modificabilidade cognitiva estrutural*, proposto por Feuerstein & Feuerstein (1991). Essa compreensão, ressalta a responsabilidade dos educadores em promover, de maneira efetiva, o desenvolvimento das crianças, de uma maneira geral, e daquelas com algum tipo de deficiência, em particular. Esse é um dos princípios chaves da Declaração de Salamanca, quando descreve o paradigma da educação inclusiva (UNESCO, 1994).

Nos dedicamos à aplicação, na atividade educativa, dos conceitos teóricos advindos do estudo dialético do desenvolvimento proposto por Vigotski (1998a,

1998b), o que envolve a descrição e a análise das relações dinâmico-causais do processo de mediação entre educador e educando, com destaque para compreensão do papel do educador na organização de experiências de aprendizagem mediada que estimulem as interações bidirecionais e recíprocas que estão potencialmente presentes nessa díade.

Acreditamos que o educador, principal responsável pela construção de experiências de aprendizagem significativas, deve se dedicar, em um primeiro momento, a leitura crítica das contradições que marcam o contexto histórico-cultural, a fim de identificar as condições objetivas que cercam a educação, para, em seguida, dedicar-se a conhecer e interagir com os educandos, a fim de, ao longo do processo educativo, construir estratégias metodológicas adequadas para flexibilização e, conseqüentemente, a individualização do processo ensino-aprendizagem.

Não estamos interessados, nesse momento, em avaliar os resultados da atividade educativa, mas, em analisar o processo de construção das estratégias de ensino que sejam adequadas para promover a estimulação do desenvolvimento dos educandos. Nosso estudo está em uma fase exploratória que tem por finalidade analisar a flexibilização pedagógica imprescindível para a individualização da atividade educativa, de forma a atender as características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem próprias de cada educando (REZENDE, 2017).

A aprendizagem é um processo ativo, que depende do envolvimento completo do educando com atividades que representem um desafio biopsicossocial, ou seja, que coloquem em jogo o exercício de suas habilidades psicomotoras (o fazer), do seu nível de compreensão da situação (o pensar), das suas motivações pessoais (o sentir) e das possibilidades de interação com outras pessoas (o conviver), dentro do contexto histórico-cultural que circunscreve essa experiência, confere-lhe significados e direciona a busca de soluções.

Sendo assim, nosso estudo envolve a realização de 4 etapas complementares: primeiro, a descrição do cenário educativo, momento em que o pesquisador analisa o contexto sociocultural no qual a atividade educativa está inserida; segundo, a seleção de uma situação educativa específica, considerada como relevante para compreensão do processo de mediação; terceiro, a descrição e a análise do ciclo de mediação vivenciado nessa experiência de aprendizagem

mediada entre educador e educando; quarto, a análise das possibilidades pedagógicas advindas do uso dos recursos auxiliares de mediação, baseados na compreensão de Feuerstein (1991) sobre a qualidade da mediação.

O educador, portanto, deve, em primeiro lugar, posicionar-se criticamente diante dos aspectos histórico-culturais, sócio-político e institucionais que circunscrevem a atividade educativa, de forma a reivindicar condições adequadas para que o trabalho educativo redunde em uma educação de qualidade para todos. Em seguida o educador deve dedicar-se à busca de possibilidades educativas que superem as insuficiências conjunturais e proporcionem, aos educandos, o acesso a experiências significativas de aprendizagem.

Essa mediação, em parte política em parte pedagógica, de acordo com Vygotsky, coloca o educador em uma posição estratégica para a construção da qualidade da educação, ao mesmo tempo em que exige dele uma qualificação ampla e contínua para lidar com aspectos ora sociais, históricos ou culturais, ora psicológicos e educacionais, que estão presentes em cada uma de suas atividades educacionais.

De acordo com essa compreensão geral da atividade educativa, a segunda etapa da pesquisa é a seleção de uma situação específica, que retrate uma dificuldade¹ vivenciada na prática pelo educador, quando o ciclo de mediação é interrompido e a qualidade da atividade educativa comprometida. Esse problema pedagógico convida para uma análise teórica que contribua para busca de alternativas didáticas que garantam uma aprendizagem efetiva.

A delimitação da situação educativa está fundamentada no conceito proposto por Feuerstein (1991) de “experiência de aprendizagem mediada” (EAM), o que direciona a análise do ciclo de mediação para a compreensão dos papéis de cada um dos atores, de forma a verificar se a participação direta nessa experiência social é capaz de fornecer os estímulos necessários para o desenvolvimento humano.

Após descrever a situação educativa a partir do emprego dos conceitos de: ciclo de mediação (Vygotsky) e experiência de aprendizagem mediada (Feuerstein), iniciamos a análise teórica das possibilidades educativas que o educador pode

¹ É possível, também, partir da narrativa de uma experiência bem sucedida de aprendizagem, de modo a ilustrar o papel que a mediação adequada desempenha, na mobilização dos diversos atores em torno do processo de construção de conhecimentos.

lançar mão para construir estratégias didáticas alternativas que promovam a flexibilização educacional e a individualização do processo ensino-aprendizagem.

A análise das possibilidades educativas leva em consideração, em um primeiro momento, o próprio ciclo de mediação, tais como: ajustes no processo de comunicação entre os atores, ou, modificações no conteúdo da atividade a ser desenvolvidas. Em seguida, a análise se dirige, nos casos de dificuldades para a aprendizagem, para a interpretação dos aspectos que culminaram na interrupção do ciclo de mediação, ou, no caso de uma experiência bem sucedida, para os detalhes que foram decisivos para que a aprendizagem dos educandos.

Esgotadas as questões relacionadas ao ciclo de mediação, passamos a nos dedicar à análise dos três tipos de recursos auxiliares para a mediação do processo ensino-aprendizagem, considerados por Feuerstein (1991) como critérios básicos para identificar se o educador é capaz de promover as adequações necessárias para mobilizar o educando e superar as dificuldades de aprendizagem, a saber: (1) a regulação do nível de dificuldade da atividade, (2) a utilização de estratégias de motivação do educando, (3) a mobilização da atenção do educando para a natureza dos problemas que caracterizam a situação educativa.

A intenção não é encontrar uma resposta específica ou indicar a melhor maneira de resolver as dificuldades para aprendizagem, mas, sugerir uma série de alternativas que ampliem as opções dos educadores para lidarem com situações semelhantes. Muito mais do que fornecer uma solução, a proposta é desenvolver uma postura comprometida com a reflexão sobre a mediação educativa, de forma a capacitar os educadores a serem criativos para flexibilizar as estratégias educativas.

Em síntese, o presente estudo se caracteriza como uma pesquisa pedagógica, de caráter qualitativo, que parte das inquietações dos próprios educadores, durante a atuação profissional ou ao acompanhar a atividade educativa de outro profissional. O objeto de estudo é a mediação em torno do processo ensino-aprendizagem, de maneira a esclarecer as dificuldades vividas pelos educadores e contribuir para ampliar as alternativas de compreensão e de solução para o desafio de promover a aprendizagem e o desenvolvimento humano. (Lankshear e Knobel, 2008).

Problema

O problema a ser investigado pode ser apresentado, de maneira objetiva, como uma reflexão sobre as possibilidades para que o educador faça uma mediação pedagógica que respeite a diversidade cultural dos educandos, de modo a esclarecer: Quais são as estratégias didáticas que o educador pode utilizar para lidar com restrições para a participação nas atividades físicas por motivos religiosos ou de consciência dos estudantes? Como agir quando se tem um conflito entre desenvolver o planejamento proposto ou adaptar a atividade para satisfazer os interesses e valores dos estudantes? Em que momentos o educador deve priorizar o aprendizado da tolerância com a opinião e os valores dos colegas em detrimento do conteúdo específico das aulas de Educação Física

É possível enunciar uma hipótese geral de que, a partir da análise do processo de mediação e da avaliação das experiências de aprendizagem mediada vivenciadas por educador e educando(s), o educador é capaz de identificar diversas alternativas didáticas que demonstram a viabilidade da flexibilização educacional e ampliam a garantia de uma aprendizagem efetiva dos educandos.

Objetivo geral

Analisar as possíveis adaptações do ciclo de mediação que contribuem para a construção de experiências de aprendizagem significativas, capazes de enfrentar problemas gerados pelas restrições à participação dos estudantes adultos, nas atividades físicas propostas pelo educador, em função de motivos religiosos ou de consciência.

Flexibilização Educacional

O presente estudo faz parte da linha de pesquisa e extensão sobre a flexibilização educacional em educação física e esporte, comum aos cursos de Licenciatura e Bacharelado, desenvolvida por membros do Núcleo de Esporte da Faculdade de Educação Física da UnB. A flexibilização educacional é um conceito chave para o paradigma da Educação Inclusiva, pois, refere-se ao processo dinâmico que envolve educador e educando(s) em torno da construção de uma atividade educativa capaz de criar experiências sociais significativas que contribuam para o sucesso da aprendizagem e para a promoção do desenvolvimento humano.

Outros conceitos, tais como adequações ou adaptações, já foram utilizados no meio educacional para se referir à necessidade de o educador realizar ajustes no currículo, ou, na metodologia de ensino, ou, na avaliação da aprendizagem para atender às necessidades individuais de cada educando. Se em um primeiro momento essa demanda se confunde com o caso dos estudantes com deficiências, logo em seguida fica claro que não é possível manter a escola e o currículo inalterados, porque a individualização do processo ensino-aprendizagem é um direito de todos, independente de necessidades educativas especiais, na medida em que contribui para o enriquecimento da qualidade de ensino.

A reflexão proposta pela flexibilização educacional abrange tanto as boas práticas como as dificuldades vivenciadas pelos professores no cotidiano da atividade educativa. De acordo com os princípios da teoria histórico-cultural de Vygotsky, o estudo da mediação entre educador e educando(s) para construção do processo ensino-aprendizagem deve ocorrer em duas direções complementares: (1) uma voltada para as questões de caráter sociológico, relacionadas com a influência exercida pela proposta político-pedagógica, pela política educacional e pela conjuntura sócio-política na qual a escola está inserida (denominada de *cenário educativo*), e, outra, (2) voltada para as questões de caráter psicopedagógico, relacionadas com o papel e as possibilidades didáticas de ação do educador na mediação da relação entre o educando e o conhecimento a ser aprendido (denominada de *ciclo de mediação*).

No intuito de explicitar os pressupostos teórico-metodológicos a serem utilizados no estudo da flexibilização educacional da educação física e do esporte, vamos: (1) descrever os principais aspectos a serem analisados para uma

compreensão das relações existentes entre as várias esferas sociológicas do cenário educativo que interferem na ação educativa, como também, (2a) enumerar os elementos que compõem o ciclo de mediação para aprendizagem construído entre educador e educando; (2b) relacionar os recursos auxiliares de mediação para que a comunicação entre eles transcorra sem interrupção e as trocas de saberes ocorram nas duas direções possíveis, de forma a enriquecer o processo de construção de estratégias educacionais que contribuam de maneira significativa para o desenvolvimento e a aprendizagem do educando.

O cenário educativo

O educador, ao se confrontar com a tarefa de construir uma proposta pedagógica para o ensino da Educação Física ou do esporte, deve estar comprometido com a garantia da inclusão de todos os educandos. O conceito de Educação Inclusiva, de acordo com a Declaração de Salamanca, não diz respeito exclusivamente às pessoas com deficiência, mas, a concepção de uma escola capaz de educar a todas os educandos, e de educa-los juntos. Se queremos ter uma sociedade inclusiva, temos que ser capazes de construir uma escola que não separe as pessoas em função de suas características, mas, ao contrário, que promova a flexibilização curricular necessária para que todos convivam e se desenvolvam para usufruir, de forma plena, de seus direitos sociais.

Para atender a essa diretriz pedagógica, o educador deve, obrigatoriamente, refletir criticamente sobre os aspectos sociológicos do cenário educativo que circunscrevem a sua atividade educativa. Uma análise da conjuntura social e política da realidade brasileira é um passo inicial e, como parte de um posicionamento político, imprescindível, mas, ao mesmo tempo, insuficiente, pois não se trata de exigir que o educador realize uma análise sociológica, e sim, que faça uma reflexão crítica sobre os aspectos sociológicos que interferem diretamente a elaboração de sua proposta pedagógica e em sua realização efetiva dentro de um contexto escolar específico.

A discussão sociológica do cenário educativo, portanto, dentro dessa linha de pesquisa, sem descuidar da análise crítica geral das contradições que marcam a sociedade brasileira, como parte de uma economia capitalista e globalizada, na qual o Brasil se posiciona como um país emergente, volta-se para discussão dos

aspectos políticos e sociais que interferem, positiva e negativamente, na execução da proposta pedagógica e no alcance dos seus objetivos em relação à flexibilização educacional.

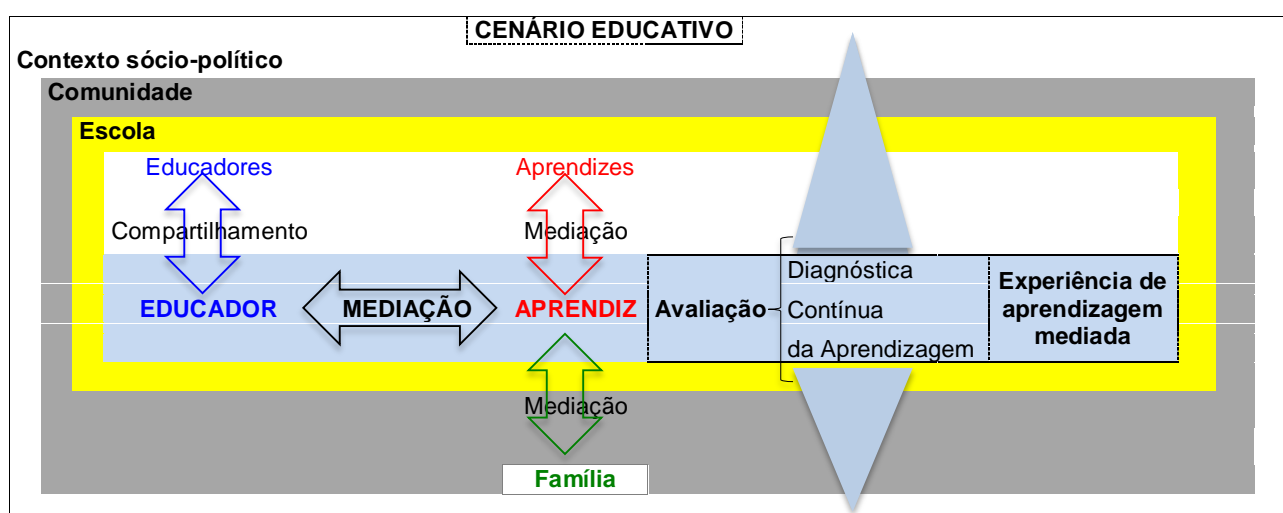
A análise descritiva do cenário educativo deve levar em consideração as características interdependentes de dois aspectos chaves:

(1) aspectos sociais, que abrangem os condicionantes históricos, a conjuntura política, a realidade econômica e o contexto cultural, assim como a influência que exercem sobre a comunidade em que a escola está inserida; e

(2) aspectos escolares, que se relacionam com os recursos pedagógicos disponíveis para a ação educativa, como também, com o conjunto das interações estabelecidas entre as pessoas que compõem cada um dos seus segmentos e dos segmentos entre si: professores, estudantes e familiares.

Pautada nessa compreensão global do cenário educativo, que orienta o processo de tomada de decisão sobre *o quê, para quê e como* educar, dedicamo-nos à discussão pormenorizada sobre as contradições e os determinantes político-sociais que podem, de alguma maneira, interferir no processo de mediação entre educador e educando e comprometer a qualidade da aprendizagem e do desenvolvimento humano.

O diagrama a seguir fornece uma ilustração das relações existentes entre esses aspectos chaves do cenário educativo.



Ciclo de mediação

A segunda parte da análise proposta pela linha de pesquisa sobre a flexibilização educacional na educação física dirige-se para os aspectos pedagógicos presentes no conceito de ciclo de mediação. A análise da proposta pedagógica parte do pressuposto de que o processo ensino-aprendizagem ocorre como parte de uma Experiência de Aprendizagem Mediada, a partir da qual o professor se envolve na construção eficaz de estratégias de ensino adequadas, para que todos tenham acesso a atividades significativas que contribuam, de maneira eficiente, para a promoção de um efetivo desenvolvimento humano e social.

Portanto, pautado nos princípios da teoria de Feuerstein (1991), o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada subsidia a construção de estratégias de ensino individualizadas comprometidas com uma perspectiva inclusiva da Educação Física escolar. De acordo com essa perspectiva, compete ao professor construir o processo de mediação pedagógica de maneira a viabilizar que o estudante assuma um papel ativo ao longo da aprendizagem e, progressivamente, tenha condições de ser sujeito do seu aprender e de apresentar um desempenho cada vez mais independente.

O conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada pressupõe que a aprendizagem ocorre como a ação consciente de um sujeito, que se forma ao longo de uma experiência sociocultural de mediação com outro sujeito. Trata-se, portanto, de uma interação que se caracteriza como bidirecional, pois pode iniciar a partir da ação de qualquer um dos sujeitos, seja o professor ou o estudante.

O princípio geral que norteia o conceito de Experiência de Aprendizagem Mediada é que a ação de educar inicia a partir de uma ação humana intencional, que está associada a diversos significados. Existem significados que são atribuídos pelo próprio sujeito, que coexistem com significados advindos do contexto sociocultural e significados interpretados ou atribuídos pelos outros sujeitos. Para que o processo de mediação resulte em uma aprendizagem efetiva, é preciso construir um ciclo de compartilhamento dos significados, e de suas interpretações, entre o professor e o estudante.

A mediação entre educador e educando, portanto, deve ser entendida como elemento central para que a atividade educativa alcance a sua finalidade primordial, o processo de humanização do estudante e, secundariamente, para que o processo

de aprendizagem de saberes, de competências e de atitudes transcorra como parte das possibilidades dialéticas de comunicação entre educador e estudante ao longo da atividade educativa.

O processo de mediação requer, portanto, o diálogo entre os sujeitos, que ora atribuem significados que exprimem a sua intenção, ora interpretam os significados atribuídos pelo outro. Um ciclo completo de mediação pode ser descrito pelo encadeamento de quatro fases, nas quais cada sujeito desempenha, pelo menos uma vez, as funções relacionadas com a expressão de uma intenção e a interpretação do significado da ação do outro, ou seja: (1) sujeito 1 – ação intencional; (2) sujeito 2 – interpretação da ação; (3) sujeito 2 – ação intencional de resposta, e (4) sujeito 1 – interpretação da resposta.

Quando a ação intencional é uma iniciativa do professor, caracteriza-se como proposição pedagógica, ou seja, o professor apresenta uma atitude consciente para envolver o estudante no processo de planejar a solução de uma situação problema apresentada no formato de um jogo. Quando a ação é uma iniciativa do estudante, caracteriza-se como parte de seus conhecimentos e experiências anteriores e é denominada como ação intencional, ou seja, o estudante demonstra as suas habilidades e interage, ora com o contexto ora com o outro.

Quando o estudante interpreta, é receptivo e responde de forma adequada à proposição pedagógica do professor, demonstra ter reciprocidade. Quando o professor está atento, interpreta e responde de forma adequada à ação intencional do estudante, essa habilidade é descrita como responsividade.

O diagrama a seguir descreve as fases do ciclo de mediação de acordo com quem tem a iniciativa do processo, e explicita a definição dos conceitos de Responsividade e Reciprocidade.

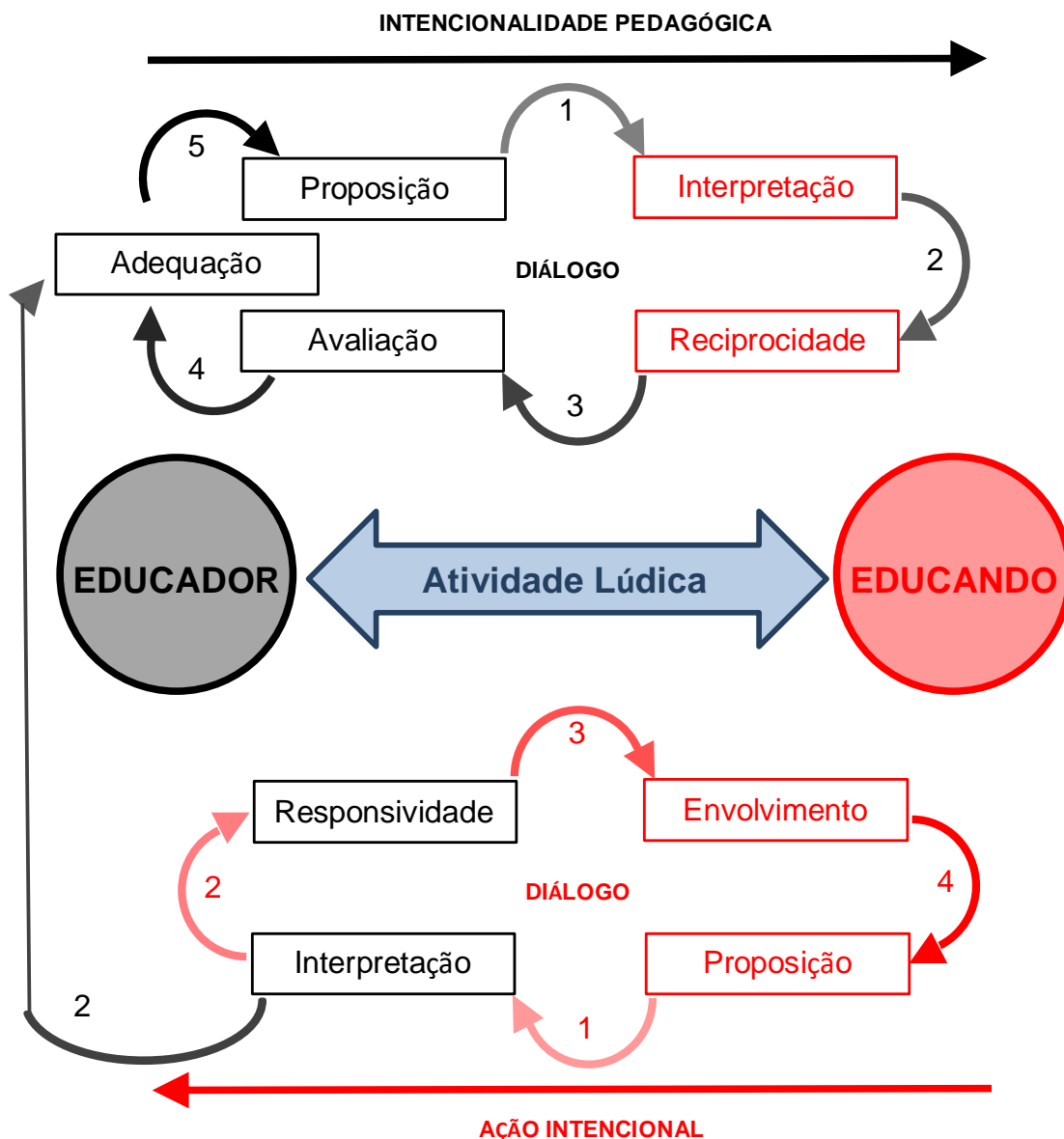


Diagrama descritivo do Ciclo de Mediação entre educador e educando

O ciclo de mediação permite identificar os entraves que normalmente comprometem o processo ensino-aprendizagem. Quando, por exemplo, o educador utiliza de maneira equivocada sua prerrogativa de proposição pedagógica e direciona a interpretação do significado de sua ação intencional para uma solução específica da situação lúdica apresentada ao estudante, rompe-se o ciclo de mediação, tendo em vista que o educando é sujeitoado e perde a sua condição de dialogar.

Outro exemplo é a ausência, por parte do educador, de uma postura responsiva, ou seja, a iniciativa do processo ensino-aprendizagem sempre é uma ação intencional do educador, que não se mostra capaz de ouvir, entender e responder às situações lúdicas propostas pelo(s) educando(s).

Da mesma forma, o ciclo de mediação também pode ser interrompido em função de atitudes inadequadas do educando, quando não demonstra reciprocidade, ou seja, disposição de participar na construção do jogo, a partir da sugestão inicial do educador, ou quando se silencia, e não adota uma postura ativa de iniciativa na proposição de jogos que iniciem a mediação com seus pares e com o educador.

A análise de como ocorre o ciclo de mediação na situação educativa escolhida no presente estudo para a análise do processo de flexibilização educacional fornece subsídios importantes para a reflexão sobre as modificações e novas possibilidades didáticas que podem ser utilizadas pelo educador para reconstruir uma experiência de aprendizagem mediada.

Recursos auxiliares para construção da experiência de aprendizagem mediada

Além da análise das quatro fases do ciclo de mediação, a teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada descreve recursos auxiliares que contribuem para que o professor construa adequações didáticas que culminem no sucesso do processo ensino-aprendizagem: (1) regulação do nível de dificuldade, (2) utilização de estratégias de motivação para a participação, (3) utilização de meios para mobilização da atenção do educando para o tipo de atividade a ser realizada.

A regulação do nível de dificuldade da situação problema proposta como conteúdo durante a atividade educativa pode se dar em dois sentidos antagônicos: (a) regulação da atividade à competência do educando, quando o educador modula a dificuldade do problema, tornando-o mais simples, de maneira a corresponder ao potencial de aprendizagem do educando, e; (b) apresentação de um desafio para o educando, quando o educador aumenta a dificuldade do problema, tornando-o mais complexo ou substituindo o tipo de problema, de maneira a criar um desequilíbrio em relação às aprendizagens já adquiridas, de forma a criar a necessidade do educando desenvolver novas habilidades.

A utilização de estratégias de motivação do educando pode ser realizada de três maneiras diferentes, mas, complementares entre si, todas relacionadas com o

conceito de motivação extrínseca: (a) elogiar a dedicação do educando, quando o educador, no intuito de ampliar a resiliência do educando, recompensa-o pelo empenho na busca de uma solução da situação problema; (b) destacar as mudanças do educando, quando o educador, no intuito de ampliar a percepção subjetiva de competência do educando, comunica, de maneira compreensível para o educando, que ele obteve sucesso na aprendizagem, e; (c) envolvimento empático-afetivo com o educando, quando o educador é capaz de demonstrar para o educando, por meio de expressões corporais, gestuais e verbais, o seu envolvimento e o seu prazer na convivência com o educando durante a atividade educativa. Mas, atenção, nenhuma das alternativas motivacionais está relacionada com o resultado da atividade educativa, e sim, com o processo de construção de uma experiência de aprendizagem mediada.

A mobilização da atenção do estudante envolve duas estratégias de caráter mais cognitivo e diferenciadas entre si, primeiro, (a) a experiência partilhada, quando o educador se dispõe a buscar a solução do problema junto com o estudante, ou seja, os dois agem de forma cooperativa, e; (b) a transcendência, quando o educador transcende o contexto imediato do problema, relacionando a atividade a ser realizada com os conhecimentos prévios do educando, ou, recorrendo a um apoio conceitual que subsidie a busca de uma solução operacional. Essas duas possibilidades são as que mais se aproximam do conceito de “dica”, proposto por Vygotsky para a identificação da zona de desenvolvimento proximal. Da mesma maneira, a participação do educador, nesse caso, não pode ser no sentido de fornecer a resposta ao educando ou de assumir a liderança da atividade, deixando o educando em uma posição passiva. Compete ao educador mediar a aprendizagem e fornecer orientações que mobilizem a atenção do educando para o tipo de problema a ser resolvido. A compreensão do problema é o primeiro passo para a descoberta autônoma da solução.

Sujeito	Etapa	Ciclos	Recursos auxiliares	
Educando	Ação intencional	1	A. regulação do nível de dificuldade	<ul style="list-style-type: none"> A1. regulação à competência A2. desafio
Educador	Responsividade	2		
Educador	Proposição pedagógica	3		
Educando	Reciprocidade	4	B. utilização de estratégias de motivação	<ul style="list-style-type: none"> B1. elogiar B2. mudança
Educador	Proposição pedagógica	1		
Educando	Reciprocidade	2	C. mobilização da atenção	<ul style="list-style-type: none"> B3. envolvimento afetivo C1. experiência partilhada C2. transcendência
Educando	Ação intencional	3		
Educador	Responsividade	4		

Um aspecto importante a ser destacado na proposta educativa de Vygotsky:

muito mais do que aprender determinados conhecimentos ou desenvolver certas habilidades, o educando também aprende, e, principalmente, a lidar com o processo de aprendizagem. Os recursos auxiliares, portanto, não são estratégias exclusivas dos educadores. Os educandos aprendem a aprender e aprendem a colaborar com os outros para que aprendam. Em outras palavras, os educandos, ao final do processo ensino-aprendizagem, desenvolvem competências equivalentes a dos educadores, assim como, jogadores que desenvolvem uma inteligência de jogo, alcançam uma compreensão do jogo e da tática equivalente a do treinador.

Portanto, a análise teórica do presente estudo está diretamente relacionada com a articulação desses conceitos chaves: flexibilização educacional para individualização do processo ensino-aprendizagem; leitura crítica das contradições sociopolíticas do cenário educativo; avaliação do ciclo de mediação entre educador e educando; e, os recursos auxiliares para a construção de uma experiência de aprendizagem mediada.

Métodos

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa pedagógica, na medida em que se dispõe a refletir sobre as questões que estão presentes no cotidiano da atividade educativa e, muitas vezes, permanecem sem respostas. Possui um caráter qualitativo, pois, dedica-se a análise do processo de mediação para o ensino-aprendizagem em uma situação educativa em particular.

A partir da compreensão das características do educando, e, consciente dos objetivos que direcionam a atividade educativa, o pesquisador vai refletir sobre as estratégias didáticas e as adaptações que podem ser realizadas para que o educando, a partir das experiências vividas, desenvolva suas habilidades ou adquira novos conhecimentos sobre si mesmo, sobre o outro e sobre a realidade que o cerca.

O objeto de estudo, portanto, é a mediação em torno do processo ensino-aprendizagem, de maneira a esclarecer as dificuldades vivenciadas pelos educandos e subsidiar os educadores na busca de uma solução para o desafio de promover a aprendizagem e estimular o desenvolvimento humano. (Lankshear e Knobel, 2008).

O primeiro passo é a aproximação com a realidade educativa. Quando o estudo é sobre a própria atividade educativa, o educador assume, paralelamente, o papel de pesquisador. Quando estudamos a atividade educativa de outro educador, mesmo assim, nos identificamos com ele e não deixamos de ser educadores que estudam educadores e, portanto, nossas práxis educativas.

Desse envolvimento privilegiado com a atividade educativa, aguardamos, de forma assistemática, o momento em que uma situação educativa em particular nos chama atenção. Em seguida, observamos com atenção e realizamos uma descrição da situação educativa da forma mais detalhada possível. O registro da atividade é contínuo, ou seja, descreve os eventos na mesma sequência em que ocorreram. O relato deve priorizar as percepções do pesquisador e as percepções compartilhadas pelos atores envolvidos, de forma espontânea ou por meio de conversas informais durante ou após o evento.

A análise se restringe a uma determinada situação educativa o que para nós é suficiente, pois contém um ciclo de mediação completo. A finalidade do estudo é contribuir para o aprimoramento da qualidade da educação, ao estimular o educador

e refletir sobre os diferentes aspectos que interferem no planejamento e na execução da atividade educativa. Sendo assim, o interesse de estudo se dirige para o processo de construção das alternativas didáticas, e não para as soluções que se mostraram eficientes nesse momento.

As soluções válidas em uma situação, revelam-se inadequadas em outras, e, até mesmo, na mesma situação, com as mesmas pessoas, mas, em outro momento. Porém, se o educador é capaz de repetir o processo de análise das situações educativas, com certeza vai ser capaz de encontrar novas e adequadas soluções.

Uma vez selecionada a situação educativa a ser analisada, as duas primeiras tarefas a serem realizadas são: a descrição do cenário educativo e a descrição pormenorizada da própria situação educativa.

A descrição do cenário educativo não tem um objetivo em si mesmo. Por isso, é importante definir primeiro a situação educativa, pois, a principal função do cenário educativo é contribuir para a compreensão do contexto no qual a situação educativa está inserida. A descrição deve conter os aspectos mais relevantes e diretamente relacionados com a situação educativa, fornecendo-lhe uma conjuntura que esclarece os elementos que exercem influência sobre ela e a determinam.

Além de contribuir para uma compreensão ampla e crítica da situação educativa, o cenário educativo viabiliza ao pesquisador a opção, caso necessário, de uma leitura radical dos interesses ideológicos, políticos e econômicos que precisam ser desvendados. A flexibilização educacional, ao preconizar que sempre é possível encontrar alternativas para garantir o sucesso da aprendizagem para todos os educandos, não pretende abster-se de uma análise que aponte para a necessidade de transformação da realidade social, como um todo, e educacional em particular.

A descrição da situação educativa, por sua vez, deve fornecer uma riqueza de detalhes que permita ao leitor reconstituir os eventos. É importante fornecer informações sobre: o contexto institucional no qual estão inseridos, a natureza das atividades que estão sendo realizadas, a infraestrutura física e material disponível, os atores que estão envolvidos, os papéis que desempenham, os objetivos educacionais a serem atingidos, o conteúdo a ser trabalhado, as estratégias didáticas utilizadas.

Por uma questão de respeito às pessoas e instituições, a descrição deve primar, sempre que possível, pelo caráter positivo das atitudes e decisões, de forma a evitar suposições indevidas e nunca assumir um tom depreciativo ou de censura para as atividades educativas realizadas pelos educadores e educandos observados. Se queremos dialogar com os educadores e apresentar alternativas que contribuam para a melhoria da qualidade de ensino, a relação deve estar pautada no respeito.

Com esses procedimentos, que podem, caso seja necessário, serem complementados por análise documental, entrevistas adicionais e novas observações, encerramos a coleta de dados e iniciamos a análise e discussão teórica sobre a situação educativa.

Resultados

É de praxe iniciar a discussão pela análise teórica da hipótese que norteia a interpretação dos resultados da pesquisa. Nossa hipótese, em termos gerais, pode melhor ser descrita como o compromisso político-pedagógico com a construção de recursos didáticos que sejam tanto adequados como apropriados para promover a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos.

Se, em um primeiro momento, o educador está diante de uma dificuldade que compromete a dinâmica do processo ensino-aprendizagem, vamos nos dedicar a análise da situação educativa para apontar novas possibilidades didáticas e criar experiências de aprendizagem mediada significativas para todos os envolvidos na atividade educativa.

Nossa hipótese, portanto, é de que a flexibilização educacional sempre é possível. Não é nosso objetivo testar as soluções didáticas apontadas como uma alternativa viável para cada caso. Essa lógica experimental exige tempo, como também, afasta-nos da realidade do cotidiano da escola, pois, exige do educador a preocupação com o controle de variáveis e com o registro de dados, atividades que se revelam onerosas para quem tem que conciliar essas obrigações acadêmicas com as demais obrigações típicas da atividade educativa.

É preciso considerar que, independente das alternativas didáticas sugeridas serem ou não efetivas para promoção da aprendizagem e do desenvolvimento dos educandos, o mais importante não é a solução em si, mas, a reflexão sobre os diversos aspectos que possibilitam a flexibilização educacional. Não procuramos garantias de que as metodologias propostas são efetivas.

Nos dedicamos, continuamente, a avaliar, de forma criteriosa, o potencial de aprendizagem e desenvolvimento do educando para definir objetivos, conteúdos e métodos educacionais condizentes com seus interesses e necessidades para, ao final dessa etapa, novamente dedicar-se à avaliação da eficácia, eficiência e efetividade do processo de mediação.

Não se quer com isso afirmar que essa é a solução para o problema, pois, na verdade, geralmente, os problemas educacionais não têm uma causa única nem é possível encontrar uma solução que seja definitiva. A proposta é otimizar as condições de ensino de maneira a favorecer o alcance dos objetivos educacionais.

Essas experiências de aprendizagem vivenciadas entre educador e educando(s), transformam-se em novos elementos de análise, que retroalimentam o processo ensino-aprendizagem. A atividade educativa, dessa forma, passa a ter, intrinsecamente, a propriedade de ser flexível, pois, coloca-se a serviço do educando e da sua educação.

A flexibilização educacional, no entanto, não é uma mera intenção do educador, e sim um exercício teórico a partir de alguns conceitos-chaves. A análise da situação educativa inicia pela descrição do ciclo de mediação.

O ciclo de mediação está centrado no princípio de que a ação educativa pressupõe o envolvimento de dois sujeitos, que assumem papéis diferenciados ao longo do processo, mas, que não podem ter suas possibilidades de ação restringidas pela forma como as aulas são conduzidas. A análise da situação educativa, portanto, será feita, inicialmente, pela descrição das ações que caracterizam, concretamente, o ciclo de mediação existente entre educador e educando(s), com destaque para a direção em que as experiências de aprendizagem mediada ocorrem: do educador para o educando, ou, do educando para o educador.

Os relatos que normalmente ouvimos sobre as dificuldades vivenciadas pelos educadores para construir o processo de mediação com os educandos se caracterizam pelo esgotamento das alternativas de ação, a ponto de o professor não ter mais ideias sobre o que fazer. Sendo assim, após descrever os eventos que marcam a situação educativa, é preciso identificar o momento em que ocorre a interrupção do ciclo de mediação entre educador e educando.

Todas as reflexões realizadas até esse ponto estão dedicadas a melhor compreensão possível das dificuldades a serem superadas. Não é possível discutir as alternativas didáticas quando a situação-problema a ser resolvida não está claramente explicitada. De outra maneira, corremos o risco de sugerir adequações que não contribuem para melhoria da qualidade de ensino.

<p align="center">Descrição do Cenário Educativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conjuntura sociopolítica e comunitária • Ambiente familiar • Contexto escolar
<p align="center">Descrição da Situação Educativa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Educador e Educando(s) • Proposta pedagógica • Situação educativa selecionada

Descrição do Cenário Educativo

Conjuntura sociopolítica e comunitária

A cidade de Ceilândia foi criada por meio de uma Campanha de Erradicação de Favelas- CEI, projeto pioneiro realizado pelo Governo do Distrito Federal. Criada em 27 de março de 1971, Ceilândia está localizada a 26 quilômetros da cidade de Brasília. Segundo os dados da Pesquisa Distrital de Amostra por Domicílios - PDAD (2015) a cidade tem uma população urbana estimada de 489.351 habitantes. De acordo com a Rede Social Brasileira por cidades justas e sustentáveis, o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de Ceilândia é de 0,784, considerado alto.

A cidade se destaca por ser a maior e mais populosa cidade satélite do Distrito Federal, com 29,10 km², conforme dados apresentados no PDAD (2015), e é composta por diversos setores que foram sendo criados conforme o grande crescimento do número de moradores com o passar dos anos. Ceilândia tem como tradicionais pontos de encontro a Caixa D'água e a Feira Central da cidade. Foram entregues à população local dois Centros Olímpicos, com o objetivo de promover o contato da juventude com o esporte.

De acordo com os dados apresentados pela CODEPLAN, 72,12% da população da cidade são pessoas que não estudam. Os estudantes de escola pública somam 23,47%, e os de escola particular 4,41%. De acordo com os indicadores sociais e econômicos, 44,94% possuem atividade remunerada, 17,51% são estudantes e 13,42% são aposentados.

Ceilândia possui 95 escolas públicas distribuídas em seu território, conforme dados apresentados pelo site da Secretaria de Educação do Distrito Federal, além de possuir Unidades Básicas de Saúde e um Hospital público.

Segundo o site da CODEPLAN, em 2015 o número de estudantes do Ensino de Jovens e Adultos – EJA foi considerado baixo, totalizando 1,96% em relação a todas categorias de ensino. O EJA está presente em apenas 9 escolas na cidade. Quanto à religião, temos o catolicismo como a religião com mais adeptos: 57,94%, seguido dos evangélicos tradicionais com 23,10% e dos pentecostais 12,94%. As pessoas que se auto declaram sem religião somam 4,85%.

Ambiente familiar

As informações que conseguimos obter sobre a educanda Maria (pseudônimo) é que ela mora no Setor P.Sul e possui aproximadamente 60 anos de idade. Não possui familiares presentes na mesma instituição de ensino e não consta dados de familiares no registro escolar, como é comum no caso das crianças, pois, os pais respondem como responsáveis legais. É adepta da religião cristã, de uma corrente evangélica tradicional, que orienta as mulheres a utilizarem saias longas. Tem a preocupação de externar sua devoção de diversas maneiras, por meio da fala, atitudes e vestimentas.

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos diferem dos estudantes da Educação Básica por serem pessoas que já alcançaram a maioridade, às vezes com uma ampla experiência de vida, que tem autonomia para tomar a decisão sobre o que querem ou não fazer, e que possuem uma posição definida sobre o que acreditam ser certo ou errado. A influência exercida pela família já está, portanto, inscrita em sua personalidade.

Contexto escolar

O cenário educativo do estudo é a escola pública Centro Educacional 06 de Ceilândia que fica localizado no Setor P.Sul e atende a comunidade próxima à escola. Possui turmas do Ensino Médio (matutino e vespertino) e Educação de Jovens e Adultos (noturno). A escola atende cerca de 900 alunos, com diversas idades.

O Centro Educacional 06 de Ceilândia é uma escola considerada referência em qualidade da educação. Possui ótimo índice de aprovação de alunos em processos seletivos de ingresso no ensino superior. A escola conta atualmente com 3 professores de Educação Física, um durante o período matutino e duas no período

vespertino. Uma das professoras da tarde assume também o turno da noite. A professora responsável pela turma que foi descrita na situação educativa tem 6 anos de experiência docente na Educação Física.

As turmas acompanhadas pela professora possuem de 15 a 25 alunos, são da modalidade de Educação de Jovens e Adultos e participam de aulas com duração de 35 minutos, uma vez por semana. Nota-se que as turmas geralmente se agrupam com relação a idade, ou seja, os mais jovens estão quase sempre envolvidos com os mais jovens, assim como os mais velhos com os colegas da mesma faixa etária.

Em relação à estrutura, a escola possui 18 salas de aula com capacidade para 40 alunos cada, um pátio, um espaço destinado para peças teatrais, uma quadra poliesportiva, uma biblioteca, uma sala de recurso, secretaria e direção.

Para a aula de educação física são utilizados a quadra poliesportiva e o pátio. A escola conta também com uma pequena sala que serve de depósito para materiais da disciplina. Os materiais contidos na escola são: colchonetes, bolas das principais modalidades esportivas, coletes, mesas para a prática de tênis de mesa, bambolês e redes.

Educadora e educanda

A professora de Educação Física da turma tem 30 anos, e atua na docência do Ensino Médio e do Ensino de Jovens e Adultos. No CED 06, ela é responsável por turmas nos turnos vespertino e noturno. No período vespertino, as turmas possuem cerca de 40 alunos, enquanto no período noturno, a média é de 25 alunos por classe.

A turma possui diversidade em relação à idade e ao nível cultural e isso pode ser percebido ao observar os grupos de convivência formados pelos próprios alunos na sala de aula. Observamos uma repetição na formação desses grupos, sempre por questões de afinidade.

A aluna que foi separada durante a atividade tem aproximadamente 60 anos de idade, bom comportamento dentro de sala de aula e demonstra gostar bastante da aula de educação física. Também apresenta boa frequência e bom desempenho na disciplina.

Cenário Educativo		
Contexto		
Social	Ceilândia- DF, região administrativa do Distrito Federal, localizada a cerca de 30km de Brasília, com população de 489.351 habitantes e IDH de 0,784.	
Político	A cidade oferece serviços públicos e particulares na área da saúde e da educação. Os espaços de lazer se limitam a quadras poliesportivas.	
Cultural	Ceilândia foi criada para que os trabalhadores da fundação de Brasília residissem. Hoje é a maior cidade do Distrito Federal e é conhecida como uma cidade perigosa por conta do alto número de crimes efetuados na cidade.	
Realidade		
Comunitária	O custo de vida é considerado baixo. Os alunos geralmente residem em periferias existentes na cidade de Ceilândia, mais especificamente no bairro P. Sul, onde se localiza a escola. O bairro possui altos índices de insegurança pública, criminalidade e tráfico de drogas. A cidade de Ceilândia, assim como as demais regiões administrativas, possui características de cidade dormitório, com cultura local e atividades oferecidas pela capital Brasília.	
Familiar	Existe uma diversidade quanto à condição familiar. No entanto, a maioria das famílias pertence a uma classe social de baixo nível socioeconômico.	
Escolar	O Centro Educacional 06 de Ceilândia é uma escola pública localizada no Setor P. Sul. Possui uma boa estrutura física e oferece Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos.	
Sujeitos		
Educadora	Feminino, 30 anos, professora de Educação Física, professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.	
Educadores	Professores licenciados e separados de acordo com a graduação lecionam para turmas de 15 a 25 alunos no turno noturno.	
Educanda	Feminino, 64 anos, aluna participante da modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos). Usa apenas vestimentas que não contradizem sua religião.	
Educandos	Alunos com mais de 18 anos, com idades diversas, estudantes do período noturno e da modalidade EJA.	
Turma/Grupo	Turma de alunos com diversidade de idades e culturas.	
Atividade		
Objetivo	Promover um aumento de flexibilidade dos alunos.	
Conteúdo	Exercícios de alongamentos.	
Métodos	Os alunos fazem a aula na quadra da escola, seguindo orientações e após aula demonstrativa da professora.	
Estrutura		
Física	Para aulas de Educação Física, a escola conta com uma quadra e um pátio coberto.	
Material	A escola possui bolas de diversas modalidades (futsal, voleibol, basquete e handebol), tênis de mesa, rede, colchonetes e coletes.	
Histórico		
Proposta	Promover o desenvolvimento psicomotor dos alunos, buscando maior consciência corporal.	

Situação educativa selecionada

A situação educativa ocorreu durante a observação da aula da professora de Educação Física, como parte das atividades do pesquisador, na disciplina Estágio Supervisionado. Em um breve momento, de aproximadamente 5 minutos, a professora chegou na sala de aula, realizou a chamada e pediu para que os alunos fossem para a quadra esportiva da escola. Na quadra havia cerca de 20 colchonetes espalhados.

No dia, a aula tinha como tema a prática de alongamentos e a compreensão de sua importância para a saúde e qualidade de vida. A professora pediu para que cada aluno se colocasse ao lado de um colchonete, e todos assim fizeram. A professora adotou um estilo de ensino demonstrativo, ou seja, ela realizava primeiro movimento para que os alunos observassem e, em seguida, repetissem os mesmos movimentos.

Nesse primeiro momento, a aula transcorreu com todos os alunos na posição em pé, pois os exercícios estavam direcionados para o alongamento dos membros superiores. Nesse dia, estavam presentes 18 alunos, e 3 alunos não participaram da aula por vontade própria. O restante da turma concordou em participar da aula normalmente.

Após a série de alongamentos em pé, a professora pediu para que os alunos se colocassem sentados nos colchonetes que estavam no chão. Maria (pseudônimo), aluna de aproximadamente 60 anos, é praticante da religião evangélica e frequenta a escola sempre com as vestimentas utilizadas pela religião por ela proferida. No dia da aula, ela estava com uma saia comprida jeans que a impossibilitava fazer os movimentos que a professora pedia para o restante da turma.

Ao perceber essa situação, a professora se antecipou e pediu para que Maria continuasse em pé durante essa parte da aula, a fim de esperar o restante da turma realizar as atividades propostas. Foi nítido o descontentamento de Maria em ficar separada da turma devido às suas vestimentas. As reações dos colegas de turma de Maria a deixaram ainda mais constrangida, pois, os mais jovens diziam:

“como você é crente, não tem como ficar com as pernas abertas”, “se não vestisse só saia, faria a aula normalmente”, e etc..

Depois de realizar a série de alongamentos sentados, a professora pediu novamente para que os alunos ficassem de pé e Maria pôde voltar a participar normalmente das atividades. No entanto sua fisionomia não era mais de quem estava contente por estar fazendo a aula.

Após o fim da aula, alguns questionamentos se fizeram presentes. O que pode influenciar nas brincadeiras ofensivas dos colegas de classe? O que a professora poderia ter feito para evitar que Maria se sentisse constrangida por suas vestimentas? E como a professora poderia ter agido para evitar a exclusão da aluna na execução da atividade?

Sujeito	Etapa	Ciclos	Fases de comunicação
Educador	Proposição pedagógica	1	A professora reúne os alunos na quadra esportiva e inicia a aula com um estilo demonstrativo
Educando	interpretação	2	Os educandos observam os movimentos da professora e retiram dúvidas
	Reciprocidade	3	Os educandos e executam os alongamentos
Educador	Avaliação e Adequação	4	A professora, ao pedir que os alunos sentem nos colchonetes, pede a Maria que permaneça em pé, sem participar da atividade, porque está de saia

Análise e discussão

A primeira alternativa sugerida pela própria dinâmica do ciclo de mediação é a inversão da sua direção, ou seja, se o educador estava na direção da atividade educativa, ele deve oferecer ao(s) educando(s) a iniciativa de definir o que deve ser feito, de forma que a responsabilidade pela condução da atividade se transfere para o educando. Ao contrário, se a iniciativa era do educando, é importante que o educador retome a responsabilidade pela proposição da atividade educativa e assuma a responsabilidade pela sugestão de como a atividade educativa deve transcorrer.

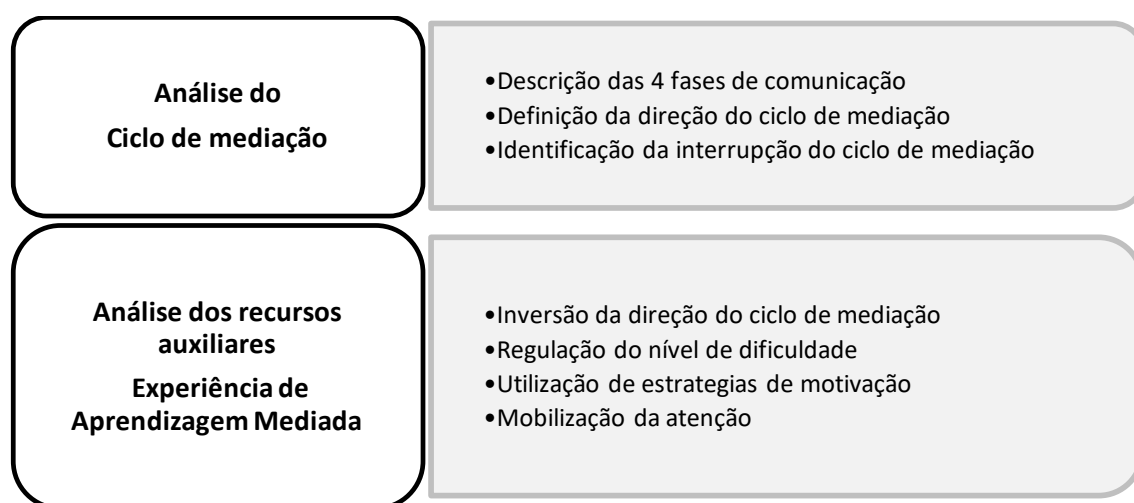
Com essas três ponderações: (1) caracterização da direção do ciclo de mediação; (2) identificação do ponto de interrupção do ciclo de mediação, e, por último, (3) inversão da direção do ciclo de mediação, concluímos a discussão dos dados em função das possibilidades explicativas do ciclo de mediação.

O próximo momento de análise da situação educativa selecionada, será norteado pelo conceito de experiência de aprendizagem mediada, a partir da reflexão sobre a conveniência do uso dos recursos auxiliares de mediação, propostos por Feuerstein (1991).

Conforme descrito no referencial teórico, Feuerstein (1991) propõe três tipos de recursos auxiliares: (1) a regulação do nível de dificuldade da atividade educativa a ser realizada: que permite ao educador, realizar uma avaliação das capacidades funcionais do educando, e optar pela (1a) redução ou (1b) ampliação do nível de dificuldade da atividade educativa de acordo com o potencial identificado; (2) a utilização de estratégias de motivação do educando: que permite ao educador comunicar ao educando (2a) o reconhecimento pela sua resiliência, (2b) informações positivas que desenvolvam uma percepção subjetiva de competência, e (2c) a satisfação de estarem compartilhando essa experiência mútua de aprendizagem; (3) a mobilização da atenção do educando para as características da situação problema a ser resolvida: que permite ao educador (3a) cooperar com o educando e (3b) estabelecer articulações entre a situação educativa em curso e outras experiências de aprendizagem mediada já vivenciadas anteriormente.

A análise teórica do processo de flexibilização educacional envolve diversos conceitos e possui várias etapas diferentes. No intuito de sistematizar as etapas e

favorecer a compreensão da metodologia como um todo, optamos pela construção de um diagrama temporal que descreve e, ao mesmo tempo, articula os conceitos-chaves que serão utilizados na discussão dos resultados, ou seja, da situação educativa. Na primeira coluna estão os aspectos teórico-conceituais-chaves e, na segunda coluna, o detalhamento de cada um deles, o que pretende favorecer a compreensão de todas as nuances que de alguma maneira estão relacionadas com as dificuldades a serem superadas por meio da flexibilização educacional.



Vamos iniciar análise do ciclo de mediação, que corresponde ao último estágio de explicitação da situação educativa a fim de fornecer ao educador a compreensão de todas as nuances que de alguma maneira estão relacionadas com as dificuldades a serem superadas por meio da flexibilização educacional.

Análise do Ciclo de mediação

Descrição das 4 fases de comunicação

O ciclo de mediação está na direção mais comum, ou seja, inicia pela intencionalidade pedagógica da educadora e se dirige para os educandos. A professora optou por uma proposição típica do estilo tradicional e demonstrativo de ensino. Nesse caso, tanto pela demonstração como pela característica compartimentar da atividade, os estudantes não tem dificuldade para interpretar o que devem fazer.

No momento em que surge um provável impedimento para a participação de Maria na atividade, a professora antecipou-se e, para evitar que ela ficasse constrangida, decidiu orientá-la a aguardar o término daquela atividade para depois voltar a participar da aula. A iniciativa da professora poupa a estudante de ter que solicitar uma concessão, o que poderia aumentar a sua exposição diante do grupo, ou seja, ela não deixou de realizar a atividade por conta própria, mas, em obediência a ordem da professora.

Por conta dessa intervenção da professora, alguns colegas de turma fazem comentários, em parte irônicos e em parte recriminatórios, sobre a inadequação das roupas de Maria para a prática de atividade física. A atitude de Maria entra em conflito com as condutas atuais das mulheres em relação não somente às roupas, mas, à maneira de lidar com o corpo. Curiosamente, nem a professora nem a própria Maria se preocuparam em repreender o deboche dos colegas, talvez, por não terem interpretado dessa maneira, ou por julgar os comentários tão imaturos que sequer mereciam uma resposta. Veja o diagrama a seguir.

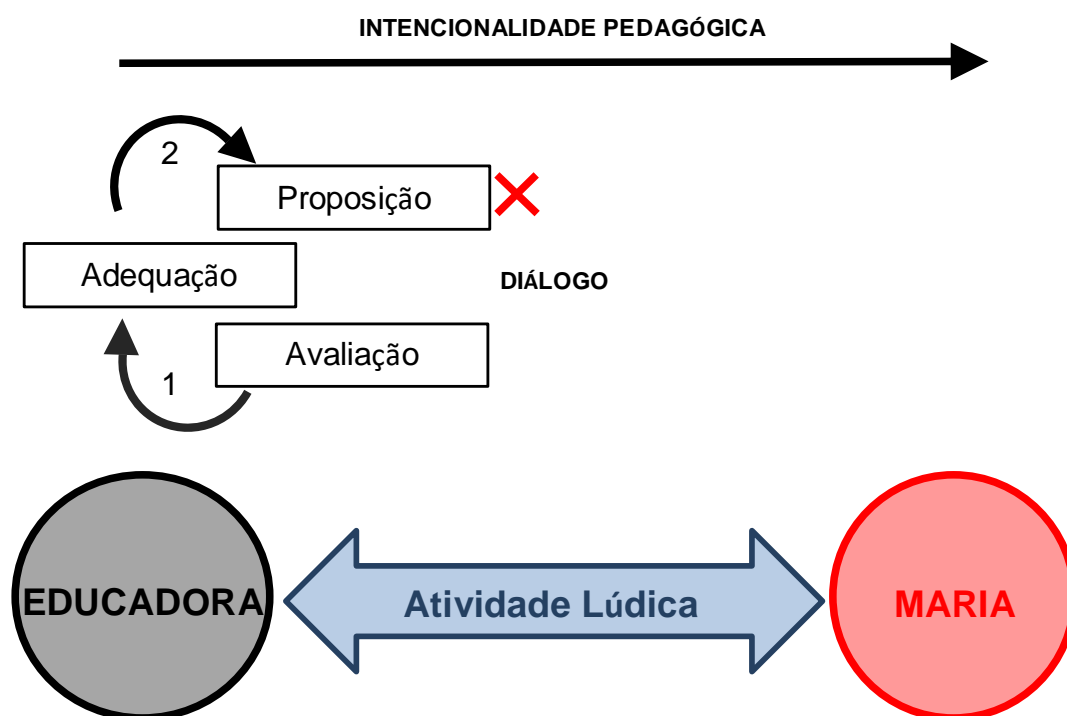


Diagrama descritivo do Ciclo de Mediação entre educadora e educanda

Como observadores externos, como também, pela falta de conhecimento sobre a trajetória anterior que marca o relacionamento entre a educadora e Maria, não há como fazer uma análise tanto das intenções da educadora como dos sentimentos de Maria. Lidar com a disciplina em uma turma com adultos traz uma dificuldade adicional para a educadora. A proposta pedagógica, como um todo, precisa ser ajustada, pois, a mediação entre adultos, alguns mais velhos que a educadora, requer novas habilidades, totalmente diferenciadas em relação ao contexto tradicional da relação entre educador e a criança.

Um ponto importante a ser considerado, coloca em discussão a preocupação dos professores de Educação Física de conseguir que todos os estudantes participem ativamente da aula. Na verdade, em uma sala de aula comum, normalmente o envolvimento dos estudantes com a aula é diferenciado. Conforme o objetivo a ser alcançado pelo professor, deixar o estudante “de fora” de uma atividade, pode ser uma estratégia eficiente para chamar a atenção dele para questões que estavam passando despercebidas por ele.

A professora, ao ver a reação entristecida e contrariada de Maria, por ser a única da turma a não realizar a atividade, faz uma mudança na atividade para que ela retorne imediatamente a fazer parte do grupo, momento em que demonstra sensibilidade por parte da educadora.

Definição da direção do ciclo de mediação

O ciclo de mediação inicia com uma proposição pedagógica da professora, que define a atividade a ser realizada pelos alunos. A maioria dos educandos concorda em participar da atividade, apenas alguns ficam deliberadamente de fora. O caráter técnico da atividade, alongamento, e as características da turma, que é formada por alunos que têm pouca experiência com atividades esportivas, dificulta a opção por outra direção para o ciclo de mediação, pois, a professora, não tinha como pedir aos alunos que sugerissem novos exercícios a serem realizados.

Muitos alunos podem não ter a oportunidade de frequentar uma academia, em função do custo financeiro incompatível com a renda familiar, ou da falta de tempo livre, pois, a soma da jornada de trabalho com o tempo gasto com

deslocamento urbano excede 12 horas, ou ainda por ser algo que não se coaduna com seu estilo de vida. A Educação Física na escola, nesse sentido, passa a ser uma oportunidade para experimentar e conhecer algo que muitos conhecem apenas pela televisão.

Identificação da interrupção do ciclo de mediação

Nesse caso, a interrupção do ciclo de mediação foi uma recomendação da professora, e não fruto de uma dificuldade no processo de comunicação com Maria. Podemos inferir que a falha de comunicação ocorreu quando a professora avaliou que essa opção corresponderia aos interesses de Maria, sem considerar que poderia perguntar para ela o que gostaria de fazer.

Mesmo que a professora, ao fazer tal proposição, estivesse preocupada em respeitar a opção religiosa de Maria, a iniciativa de retirar ela do grupo pode ser interpretada por alguns como uma espécie de preconceito, pois, tomou a decisão por ela e com base em uma suposição: quem é evangélico não está disposto a fazer isso ou aquilo.

Nas questões conflituosas relacionadas com valores culturais, a melhor conduta da professora deve ser consultar a(s) pessoa(s) envolvida(s) para que avaliem e decidam como gostariam ou como os outros deveriam agir para que eles se sentissem confortáveis para fazer parte do grupo e participar ativamente da aula. Em muitas dessas situações, por mais que tenhamos sensibilidade, não é possível nos colocarmos no lugar do outro para entender o que ele ou ela estão sentindo.

Análise dos recursos auxiliares: Experiência de Aprendizagem Mediada

Inversão da direção do ciclo de mediação

Vale destacar que, ao perceber a diversidade cultural que caracteriza as turmas na Educação de Jovens e Adultos, normalmente formadas por pessoas com diferentes experiências de vida, é importante que a professora esteja ciente dos conflitos que podem surgir em sua turma, para estudar as estratégias que facilitam a construção de um ambiente agradável e relacional, de maneira a não acarretar prejuízos na aprendizagem de seus educandos.

Percebemos que, na situação educativa selecionada, o recurso de inversão do ciclo de mediação é uma opção importante, pois, ao explicar o que deveria ser

feito e, em seguida, perguntar para Maria se existia alguma maneira que ela julgava adequada para que realizar a atividade, a professora transfere para Maria a responsabilidade de decidir se poderia ou não realizar os movimento.

Maria, por exemplo, poderia decidir participar da atividade, desde que pudesse ficar em uma posição que lhe garantisse privacidade, pois, a objeção não é em função da realização do movimento e sim da exposição do seu corpo ao olhar dos outros. Outra opção, poderia ser tentar realizar, da maneira que fosse possível, os mesmos movimentos na posição em pé, independente de não ter o mesmo efeito, o que importa é que Maria não se sentiria excluída.

Temos visto relatos de mulheres muçulmanas, que utilizam vestes femininas que cobrem praticamente todo o corpo, às vezes até o rosto e os olhos, mas, que, mesmo vestidas dessa maneira, jogam futebol, sem abrir mão da roupa que consideram adequada.

O importante é respeitar as escolhas dos alunos. Não tem sentido o(a) educador(a) querer transformar as pessoas para que pensem igual a ele(a).

Regulação do nível de dificuldade

Compete a professora, observar, continuamente, a individualidade dos alunos, a fim de realizar adequações nas estratégias de ensino que contribuam para a aprendizagem de todos. A elaboração do plano de aula é uma ferramenta importante para esclarecer os objetivos a serem alcançados e, conseqüentemente, orientar a seleção dos conteúdos e a construção das experiências de aprendizagem mediadas.

No entanto, essas duas diretrizes podem entrar em conflito. Sem perceber, temos a tendência de ficar adstritos ao que foi planejado e, dessa maneira, perdemos a capacidade de fazer ajustes que poderiam contornar situações inadequadas. Modificar o planejamento, tornando as atividades mais fáceis, é uma estratégia importante de ser utilizada quando o que deve se feito está além das capacidades dos alunos.

Sendo assim, a professora, que tem maior experiência e conhece muitas opções de alongamento, poderia ter modificado a série inicialmente planejada de forma a evitar que o tipo de roupa utilizado por Maria fosse um empecilho à sua participação. Outra opção, comum em aulas que reúnem pessoas com diferentes

níveis de habilidade, é a proposição de duas atividades simultâneas, de forma que os alunos que têm mais flexibilidade ou mais força realizam um tipo de movimento, enquanto os outros, realizam outro movimento mais simples.

Se nesse caso, uma das opções era regular a atividade ao nível de competência de Maria, em outras situações, a adequação a ser realizada é exatamente o oposto, ou seja, tornar a atividade mais difícil, a fim de que se constitua em um desafio para o aluno.

Utilização de estratégias de motivação

A motivação é uma ferramenta fundamental para o processo de aprendizagem. Os professores devem aprender a utilizar estratégias que auxiliem os alunos a permanecerem motivados durante as fases iniciais da aprendizagem. Temos que considerar que o domínio das habilidades corporais não é algo simples, e, algumas pessoas, têm mais dificuldade para aprender do que outras.

Quando a professora aprende a elogiar um aluno pelo seu esforço durante o processo de aprendizagem, algo que deve ser feito antes dele conseguir alcançar seu objetivo, ela consegue modificar a forma com que o aluno enxerga a proposição pedagógica proposta, enriquecendo, assim, as oportunidades de aprendizado por parte do aluno.

Nesse caso, a disposição de Maria para participar da aula e realizar, de sua maneira, os alongamentos, deve ser alvo de elogio da professora, porque o que está em questão não é a amplitude ou a estética dos movimentos, e sim o conhecimento do próprio corpo e a adoção de um estilo de vida ativo e saudável. Se Maria descobre o prazer da atividade física, a melhoria da flexibilidade vai ser um dos benefícios que ela brevemente deve alcançar, ao contrário de alguém que é capaz de realizar com perfeição os movimentos na aula, mas, continua a ter um estilo de vida sedentário.

Outra estratégia importante para a motivação dos alunos que deve fazer parte do acervo da professora, é a capacidade de mostrar para os alunos as pequenas mudanças que estão ocorrendo em seu desempenho. Muitas vezes, as pessoas desanimam porque o objetivo está muito distante de ser alcançado. O papel do professor é ajudar o aluno a ver o seu desenvolvimento. Quando a professora ajuda cada aluno a ver que está melhorando em relação ao seu desempenho

anterior, e não em comparação com os outros colegas da turma, ela amplia as possibilidades de uma aprendizagem bem-sucedida.

Por último, temos o envolvimento afetivo, ou seja, a necessidade de a professora deixar evidente para a educanda que se interessa pela aprendizagem dela e está comprometida em contribuir de todas as maneiras que estiverem ao seu alcance. A paciência em explicar novamente, a aproximação para verificar se precisa de ajuda, a vibração com os resultados alcançados, são exemplos de condutas motivacionais que a professora deve adotar.

Mobilização da atenção

Um dos recursos para mobilizar a atenção do educando, é o envolvimento da professora com a atividade. A experiência partilhada é uma expressão utilizada para se referir ao momento em que a professora decide realizar a atividade em parceria com a educanda. Esse recurso tem como principal característica a participação ativa e conjunta do educador junto com o educando. O professor deixa de ser o que dita as regras e define os exercícios, para ser aquele que participa diretamente da atividade de maneira colaborativa com o aluno.

Esse recurso foi utilizado pela professora em nossa situação educativa, pois, ela não apenas demonstrava, mas, realizava o alongamento junto com os alunos. Quando o problema surgiu a professora tomou a atitude de separar a aluna da atividade e isso fez com que a aluna se sentisse constrangida perante o restante da turma. Se a professora utilizasse esse recurso, poderia, juntamente com a aluna, buscar juntas uma solução para o problema, tornando assim a atividade mais prazerosa para a aluna e sem exclusão de ninguém.

Se a professora divide a turma por sexo, deixa os homens em uma posição que prejudica a visualização das mulheres e, ao mesmo tempo, posiciona Maria pra que fique protegida do olhar dos outros, ela pode se envolver com o grupo feminino para realizarem juntas os exercícios.

O recurso da transcendência, por sua vez, requer que a professora identifique uma aprendizagem anterior, que possa ser utilizada como um modelo para que Maria entenda o tipo de problema que ela tem que resolver. Se a questão é o uso da saia, a professora pode mencionar que, quando vai trabalhar, alguns profissionais precisam utilizar um determinado uniforme, pois, essa roupa é a que

favorece a sua segurança e eficiência; da mesma forma, quando vai para uma situação de combate, o militar precisa estar municiado com o equipamento adequado para ser vitorioso. Logo, o mesmo acontece quando vamos praticar esporte ou atividade física. Uma opção é utilizar uma calça por baixo da saia, como também, uma saia rodada que não restrinja os movimentos de Maria.

Considerações Finais

O objetivo do nosso estudo foi apresentar e analisar o ciclo de mediação, relacionando-o a uma situação educativa específica, tendo como referenciais teóricos Vigotsky e Feuerstein.

Visando uma melhoria da qualidade de ensino podemos concluir que a flexibilização educacional nos proporciona uma reflexão que conseqüentemente nos leva a possibilidades de mediação para a inclusão de todos dentro de uma prática pedagógica aceitando as individualidades de cada um, seja elas questões físicas, psicológicas ou culturais. Promovendo o desenvolvimento de maneira mais efetiva na relação Educador-Educando.

É preciso que os educadores tenham consciência de seu compromisso com a formação continuada, como parte dos requisitos para a melhoria da qualidade de ensino da educação física escolar.

Os professores precisam se sentir estimulados a uma reflexão contínua sobre a sua ação educativa dentro do processo pedagógico, tornando-se assim capazes de construir estratégias de mediação pedagógica que garantam a inclusão de todos e uma aprendizagem efetiva.

Referências Bibliográficas

- CANAL, C. P. P.; CUNHA, A. C. B. da; ENUMO, S. R. F; **Operacionalização de escala para análise de padrão de mediação materna:** um estudo com díades mãe-criança com deficiência visual. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set-Dez. 2006, p.393-412.
- CUNHA, A. C. B. da; FARIAS, I. M.; MARANHÃO, R. V. de A; **Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva:** análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da experiência de aprendizagem mediada. Rev. Bras. Ed. Esp., Set-Dez. 2008 v.14, n. 3, p.365-384.
- ENUMO, S. R. F. **Avaliação Assistida para crianças com necessidades educacionais especiais:** um recurso auxiliar na inclusão escolar. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set-Dez. 2005, v.11, p.335-354.
- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. **Pesquisa pedagógica:** do projeto à implementação. Capítulo 1, Porto Alegre: Artmed, 2008.
- Pesquisa Distrital por amostra de Domicílio (PDAD). Ceilandia. 2015.
Em:<http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PDAD-Ceilandia-1.pdf>. Acesso em:12 de fevereiro de 2019
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-MEC,**Saberes e práticas da inclusão**,Secretaria de Educação Especial, Brasília, caderno 4, 2003